

A ilha, o vulcão e a geógrafa¹

João Luís J. Fernandes

CEIS20 e Departamento de Geografia e Turismo (FLUC)

Universidade de Coimbra

jfernandes@fl.uc.pt

<https://orcid.org/0000-0002-9419-631X>

Não se poderia recusar o convite para fazer um comentário às filmagens que a geógrafa Raquel Soeiro de Brito realizou em 1958, durante uma das fases da erupção do vulcão dos Capelinhos (Faial, Açores).

Naquelas gravações, vê-se Orlando Ribeiro a tomar notas num dos seus cadernos horizontais de capa dura e preta. Passados estes anos, mesmo (i) móveis na cadeira de uma sala de cinema, sente-se o ofício do geógrafo, a importância da observação “in situ”, do registo e do trabalho de campo.

Ainda que aparentemente estáticos perante o ecrã que projeta as imagens recolhidas por Raquel Soeiro de Brito, reconhece-se o papel da Geografia e dos geógrafos no conhecimento de um país ainda distante, de acessos difíceis, deslocações longas, trajetos demorados e mobilidades espaciais condicionadas pela frugalidade da época.

Não terá sido fácil a viagem de Raquel Soeiro de Brito e Orlando Ribeiro após a erupção que se iniciou em setembro de 1957. Conta a geógrafa que a deslocação para a ilha Terceira ocorreu num avião militar e que o trajeto marítimo até ao Faial se fez num navio dos EUA.

Como os centros e as periferias flutuam com o tempo e as circunstâncias, a erupção vulcânica dos Capelinhos colocou o Faial no foco das atenções. Apesar de longínqua, ali rumaram cientistas portugueses e estrangeiros, jornalistas e repórteres de vários pontos do mundo. Como, na época, a RTP dava os primeiros passos, a erupção foi uma oportunidade de afirmação da televisão pública portuguesa. Com trinta e quatro minutos de duração, este documento científico impressiona e abre-nos um mundo de reflexões, notas e apontamentos.

Apesar do otimismo tecnológico e do antropocentrismo que tem orientado a relação da humanidade com a Terra, muitos dos mistérios da natureza continuam por desvendar, muitas das dinâmicas

naturais não se conseguem controlar nem prever com exatidão.

As filmagens fizeram-se no Faial, mas remetem-nos para outros tempos e para outros espaços, como a ilha de La Palma (em 2021), ou o impronunciável Eyjafjallajökull, cuja erupção bloqueou parte do espaço aéreo europeu em 2010.

Num certo momento, o filme acompanha os geógrafos a caminhar numa espécie de areia movediça que vai registando as pegadas. Com estes planos, ilustra-se a efemeridade da paisagem e sente-se a erupção que mudou a geomorfologia de uma parte da ilha, deslocou a linha de costa e criou novas terras emersas.

A câmara sinaliza um cromatismo paisagístico que também se renovou, alternando o negro, o cinzento e o branco. Não foram entrevistadas nem terão aparecido em nenhuma das sequências do filme, mas imaginam-se as vozes: testemunhas da época referem os clarões, os sons explosivos e os trovões, os tremores de terra e os ruídos da dispersão da cinza vulcânica e de outros materiais sólidos. Nesta experiência multissensorial de uma paisagem sonora que assustava e impunha respeito, assistiu-se à produção de um solo novo e atapetado, como uma superfície lunar em pleno Atlântico.

A ilha estende-se sobre o mar e os materiais vulcânicos escurecem e destroem os pastos e as leiras de batatas e milho. A freguesia, que consumia sobretudo o que cultivava, vai-se tornando inviável e o despovoamento avança. Com um contexto geohumano vulnerável, o vulcão destruiu casas e territórios do quotidiano. Na atualidade, diríamos que a marginalização ecológica e o domocídio conduziram a uma desreterritorialização em várias fases e múltiplas escalas geográficas.

No documento, filmam-se telhados a descoberto e veículos que transportam mobílias e imagens religiosas que se devem colocar a salvo. O futuro parecia incerto e era preciso garantir alguma proteção divina.

Para o acolhimento imediato das famílias evacuadas, levantou-se um aglomerado transitório

¹ O presente texto reflete a intervenção realizada na Casa do Cinema de Coimbra como comentário ao filme “Erupção Vulcânica dos Capelinhos, Ilha do Faial – Açores”, de Raquel Soeiro de Brito (1958). A sessão foi organizada pela “Caminhos do Cinema Português” e realizou-se no dia 26 de março de 2023.

de tendas. Mais tarde, olhou-se para fora e a Junta da Emigração tenta associar uma emergência conjuntural ao desiderato estratégico do país: cerca de 25 famílias terão sido enviadas para o Vale do Limpopo, em Moçambique.

Sem grande sucesso na reconstrução dos territórios pessoais em terras de África, parte desses colonos regressou ao ponto de partida. No contexto da Guerra Fria, da entrada de Portugal na Nato e, desde 1951, da utilização da Base das Lajes (na ilha Terceira) para operações militares dos EUA, estava aberto um fluxo emigratório excecional para Rhode Island e outras regiões da América do Norte.

Para geólogos e geomorfólogos, o fim das erupções em outubro de 1958 não significou uma acalmia. Num outro tempo, para além do visualizado nas filmagens de Raquel Soeiro de Brito, o Faial é um território tenso que confronta a nova ilha produzida pelo vulcão que ainda vai arrefecendo e os efeitos erosivos do mar, da precipitação ou do vento.

Nos tempos mais recentes, é com esta dialética de construção-destruição que vão regressando alguns emigrantes e se reconfiguram os ciclos de relação com a terra e o chão de cinzas agora compactadas. O vinho vulcânico, assim lhe chamam, é o símbolo de uma conexão que se renova e de uma agricultura que vai beneficiando daquilo que o vulcão deixou.

Porque a paisagem não deixa esquecer os acontecimentos de 1957-58, o Faial faz hoje parte de uma rede global de turismo de observação vulcânica. Chegam de muitas partes do mundo, percorrem o trilho da cinza e observam o que resta do anel de terra emersa que se formou em torno da cratera.

A comunidade local, hoje híbrida e também renovada, agradece o interesse e faz para não esquecer os treze meses de aceleração da História na década de (19) 50. Em muitos sentidos, a erupção dos Capelinhos inscreveu-se na identidade da ilha, foi um momento disruptivo, uma mudança de trajetória. O centro interpretativo é isso mesmo, uma oportunidade para mostrar aos outros o que aconteceu, mas também para consolidar o território de uma memória coletiva que une e agrega.

Talvez um dos ícones desses sedimentos que congregam o coletivo seja o farol da Ponta dos Capelinhos. Nas filmagens, serve-nos de escala, permite-nos perceber a dimensão do fenómeno, e o

gigantismo das nuvens de materiais que se elevam e depois se depositam.

Num ângulo mais distanciado e sereno, o farol terá sido o elemento fixo que ali se conservou, uma ideia de terra firme e inabalável no meio do caos e da turbulência, uma espécie de marca do tempo, do objeto que ali permanece, firme, enquanto a casa se desmorona, recompõe e renova.

Enquanto testemunha, o farol marca o ritmo, será um compasso entre o passado e o futuro, entre os tempos curtos e acelerados de 1957 e 1958, e os tempos longos e distendidos que se seguiram e continuam até hoje.

Da mesma forma que nos perguntamos como seriam as trajetórias de Vilarinho da Furna e da velha Aldeia da Luz se não tivessem ficado submersas pelas águas de uma barragem, numa entrevista recente, José Decq Mota questionava-se como seria o Faial caso não tivesse experienciado as erupções entre 1957 e 1958.

Vilarinho da Furna apenas resistiu na memória dos antigos residentes. A velha Aldeia da Luz foi encenada num novo lugar projetado e ainda sem alma. O Faial continuou o seu caminho, mas a ilha transfigurou-se.

O recorte cronológico e espacial das filmagens de Raquel Soeiro de Brito demarca um tempo suspenso que antecipa essas mudanças. Num certo sentido, a geógrafa registou um indefinido território de espera e de transição entre um passado que se desvanecia e um futuro incerto que se anunciava. Também por aqui, o documento constitui uma janela que nos faz abrir o tempo e multiplicar as escalas geográficas que aqui se cruzam.

Por fim, os trinta e quatro minutos das filmagens de Raquel Soeiro de Brito salientam a dimensão cinematográfica das ilhas e dos fenómenos vulcânicos. Na (i)mobilidade vivida na cadeira da sala de cinema, invocam-se geossímbolos como o Vesúvio ou o Etna e, numa viagem muito particular, revisita-se uma das obras que me terá direcionado para a Geografia- o filme 'Stromboli', de Roberto Rossellini (1950).

Referências bibliográficas

Silva, Verónica de Fátima Duarte (2012). *Dinâmicas de desterritorialização e desastres naturais. O vulcão dos Capelinhos*. Coimbra: FLUC/Dissertação de

Mestrado em Geografia Humana - Ordenamento do
Território e Desenvolvimento.

Documentário consultado:

Direção Regional do Ambiente (2017). *Capelinhos — 60 anos
depois*. Ponta Delgada: Governo Regional dos Açores.

